

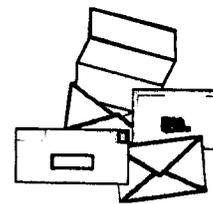


O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Escrevem os leitores



"Vez por outra recebo "O Desbravador"... Meu novo endereço é..."

DÉCIO FRANÇA LOBO
SETE LAGOAS - MG

"Peço a assinatura e o recebimento da revista "O Desbravador"."

ELISÂNGELA SALOMON CARREIRO
SÃO PAULO - SP

"Gostaria de receber imensamente a revista "O Desbravador". Achei muito interessante e muito bonitas todas as matérias."

ALEXANDRA RENATA FERREIRA OGA
RIBEIRÃO PRETO - SP

"É com prazer que escrevo à redação de "O Desbravador" e agradeço por enviarem este maravilhoso jornal para mim. Seu conteúdo é de grande valia e quero continuem, com a graça de Deus e a ajuda de Nossa Senhora, enviando-me este jornal."

APARECIDA DAS GRAÇAS LOPES
BELO HORIZONTE - MG

"Peço que me enviem todos os meses... gostaria de ficar seu fiel divulgador aqui no Recife e Olinda. Reze por mim que eu rezarei por você."

MARIA LUIZA DA SILVA MARINHO
OLINDA - PE

"Recebi sua gentil carta e o parabenizo, mais uma vez, pela sua perseverança na publicação do periódico "O Desbravador", bem como pela orientação sadia e equilibrada que imprime ao jornal."

Estas dificuldades surgem para nos tornar mais fortes e mais perseverantes no bem. Prossiga corajosamente. Estou enviando uma pequena colaboração de... Fazendo votos para que Nosso Senhor, por intermédio de Nossa Senhora, sempre os assista, despeço-me com uma saudação bem amiga."

MARIA FRANCISCA BUONAVITA
SALVADOR - BA



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



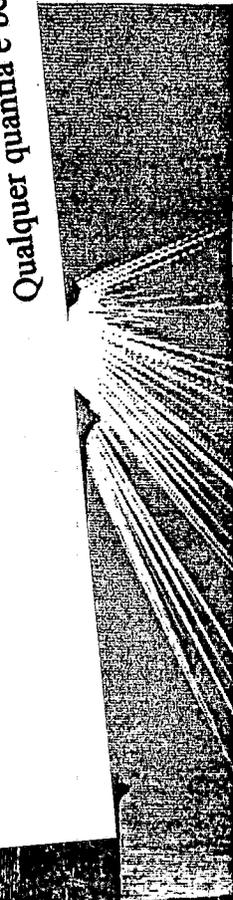
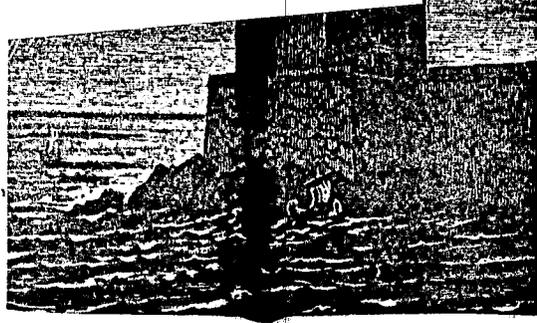
CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - gjmatos@zipmail.com.br

“O Desbravador” é gratuito. Se você quiser receber outros exemplares escreva para CAIXA POSTAL 1525 Cep 01059-970 São Paulo - SP e passará a receber gratuitamente todas suas edições. Se quiser cooperar para sua publicação e divulgação pode nos mandar um cheque nominal ao GERC Santa Maria ou então fazer um depósito em uma de nossas contas:

BANCO ITAÚ
Conta Corrente 00433 - 0 (Agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP
BRADESCO
Conta Corrente 24019 - 2 (Agência 278 - 0 Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome do Grémio Santa Maria
Qualquer quantia é bem vinda. Nossa Senhora o recompense.

ial



Quando contemplamos um Presépio vemos de imediato a pobreza, o sofrimento, as privações por que passou o Deus Menino ao nascer. Foi rejeitado e não havendo lugar para Ele na estalagem, nasceu e foi colocado aonde comiam os animais. Chorou, passou frio.

E por que e por quem fez isso? Foi por nós, pobres pecadores. Foi por mim que escrevo, foi por você que me lê. E se só eu ou você existíssemos, Ele teria vindo à Terra e teria nascido como nasceu, sofrido como sofreu.

Ao falarmos isso, vemos o quanto Ele nos ama. Um Deus desce do Céu e vem a uma gruta chorar e sofrer por nós, vermes pecadores. Por mais que imaginemos não conseguimos vislumbrar amor igual. Ele me amou e continua a me amar, e quanto custou a Ele haver me amado!

Diante de tanto amor, diante do presépio, aproveitemos então o tempo de Natal para muitas coisas.

Primeiramente, tomemos a resolução de retribuir ao Menino Jesus tanto afeto, com um presente: o nosso coração arrependido de nossos pecados e com um propósito de não voltar a ofender esse Deus que tanto nos ama.

Em segundo lugar completar esse presente com uma confissão bem feita a um padre para assim obter o perdão de Deus.

De outro lado, diante do presépio pedir, pedir muitas graças ao Menino Deus por meio de Nossa Senhora. Pedir as graças que nós mais necessitamos para sermos fiéis.

Um Deus que tanto nos quer, que maravilhosamente se fez criancinha nada nos recusará. E nestes dias, em especial, nos cumulará de graças e bênçãos.

Em contrapartida retribuamos esse imenso amor com nosso amor e afeto e então teremos, sem dúvida, um Natal feliz e, se caminharmos nos caminhos de Deus, nossa vida será um constante Natal.

Natais em um Diário

25 de Dezembro de 1954

Querido diário, ontem me confessei, hoje assisti à Missa do Galo, com canto gregoriano, depois tivemos a ceia em família. Tudo foi maravilhoso...

25 de dezembro de 1960

Meu diário, como em todas as anos fui à Missa de Natal, mas pela primeira vez não me confessei, estou levando uma vida ruim e por isso, estou afastada dos Sacramentos. Parece que há uma nuvem em minha vida...

25 de dezembro de 1965

Esse ano não tive Missa de Natal. Mamãe censurou-me muito por isso. Eu até iria à Igreja, mas meu marido Max é contra. Meu Natal não teve sabor...

25 de dezembro de 1975

Meu diário, minha vida é um tormento. O Max foi embora, meus filhas ainda não fizeram a Primeira Comunhão e são verdadeiros selvagens. Vivo em trevas...

25 de dezembro de 1985

Diário amigo, nada tem sentido em minha vida. Que saudade dos Natais de minha infância. Saudades de minha mãezinha que me estimulava a confessar-me e comungar neste tempo. Saudades das cerimônias natalinas, saudades da graça de Deus...

25 de dezembro de 1990

Meu diário, ontem meu filho mais velho me levou a uma ceia na casa de sua noiva. Que vazio, que diferença de minha infância. Muita comida e muitos presentes, muitas luzinhas e muitos enfeites, mas cadê o Natal? Mudaram os Natais ou mudei eu?...

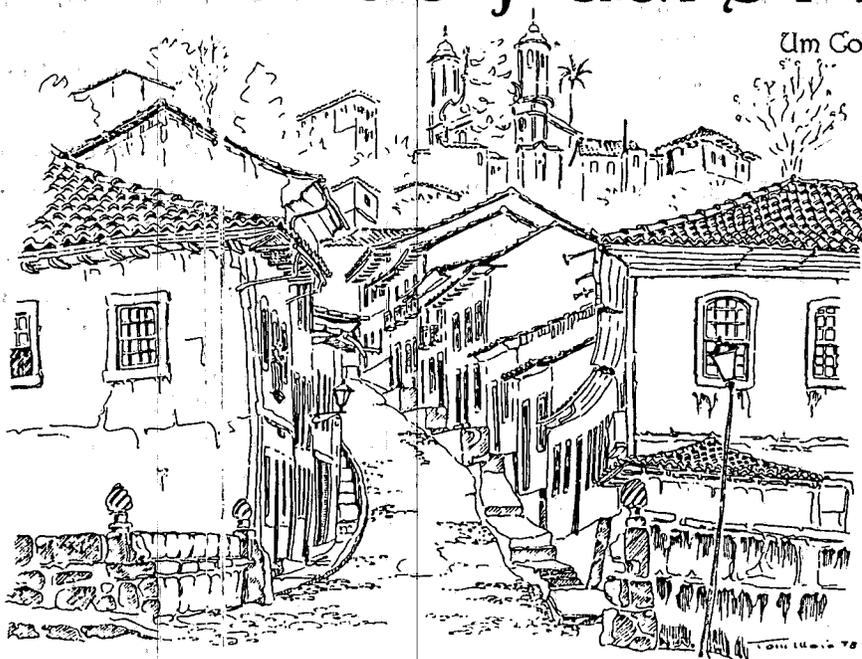


25 de dezembro de 1995

Até a semana passada minha vida era uma treva. Mas ontem, alguns dias após a cirurgia, a enfermeira do hospital disse que um bom padre visitaria a nós doentes. Há muitos 24 de dezembro não me confessava, mas a graça de Deus falou mais alto e quando o Padre veio, fiz uma boa confissão sabendo que Deus não rejeitaria um coração arrependido. Hoje de manhã, ele me trouxe a Sagrada Comunhão. Estou sozinha, estou em convalescência, mas Nossa Senhora alhou por mim e, sem merecer, voltei a ser feliz. O Natal para mim voltou a ser Natal.

O Natal do Padre Miguel

Um Conto de Natal



O padre Miguel era um santo homem. Sacerdote há mais de 30 anos, nunca tivera outra paróquia que não aquele minúsculo vilarejo perdido no meio do sertão.

Mas eu vos asseguro que nunca, em tempo algum, houve um rebanho que tivesse recebido de seu pastor mais carinho, mais dedicação e mais amor.

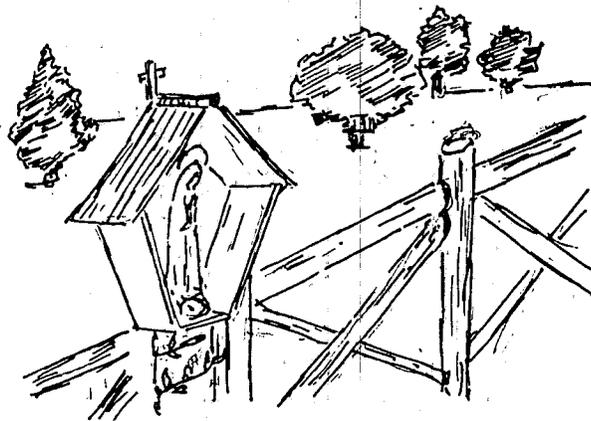
Não havia grotão ou choupana, por mais humilde ou distante que fosse, que o padre Miguel não tivesse visitado uma, duas, muitas vezes, levando ora a palavra que consola, ora o conselho que esclarece, ora a benção que perdoa, ora a increpação que regenera e converte.



E por todos aqueles caminhos de serra e de pedra, de lama e de pó, o padre Miguel, numa devoção que lhe era muito cara, havia espalhado oratórios - rústicos oratorizinhos de madeira cravados sobre troncos e postos ao lado das veredas - com pequenas imagens de gesso que lembravam aos passantes a pureza de Santa Cecília, o fervor de Santo Antônio, a humildade de São Benedito, a coragem de São Jorge, a dedicação de Santa Inês e sobretudo o amor da Santíssima Virgem, além, é claro, do zelo de seu anjo "xará", São Miguel...

E os caminheiros, diante dos humildes oratórios se lembravam de Deus se persignavam e rezavam, cobrando ânimo para a luta da vida e para as lutas da alma. E foram muitas as vezes que ao pé de um desses oratórios uma tentação foi vencida, e o demônio foi posto a correr...

O demônio, este sim, tinha razões de sobra para odiar o bom padre Miguel! E veremos como esse malvado tramou a sua vingança.

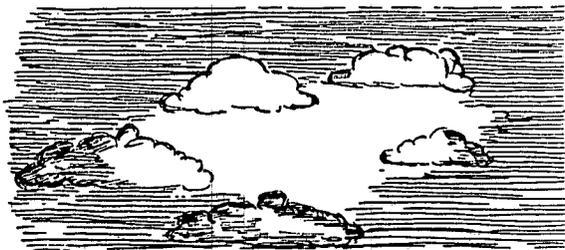


Naquele ano o padre Miguel vinha desde há muito preparando uma soberba festa de Natal: primeiro uma novena preparatória muito séria e muito clara, que levasse os homens a considerar as suas faltas e fazer uma boa confissão. Depois soleníssima Missa do Galo, à meia-noite, ao lado de um lindo presépio, e culminando com uma grande Comunhão Geral reparadora!

Que glórias isso não daria ao Bom Deus!

E tudo foi sendo preparado e cumprido com carinho e com zelo: o coro, os acólitos, os paramentos bordados a ouro, o órgão e as alvíssimas toalhas do altar...

E durante a novena as confissões se sucederam, levando o padre Miguel a um extremo cansaço alegre, de servo que ama o seu Senhor.



Infelizmente o dia 24 de dezembro amanheceu com chuva. E a chuva continuou durante todo o dia, transformando os caminhos em lamaçais.

Apesar disso o povo vinha chegando em carroças, em carros de boi, em lombo de burro e de cavalo, e a pé. A pequenina vila ia se enchendo, numa demonstração de entusiasmo e de fé. Grande festa seriam a missa e a comunhão!

Mas...



À noite, lá pelas nove, umas batidas fortes na porta vinham interromper o breviário do padre Miguel. E quando foi abrir, ele se assustou com um homem todo coberto de barro e de suor.

Era o Manuel Palhoça, de chapéu na mão, dizendo que o Pereira, o Pereira carvoeiro que morava em uma choupana para lá da grota do Fangueiro, sofrera um feio acidente: uma árvore que cortava lhe atingiu o lado, lanhando o ombro, costas e pernas, deixando o coitado numa poça de sangue... Só agora à noite o Palhoça o encontrara e acudira, levando-o para sua choupana...

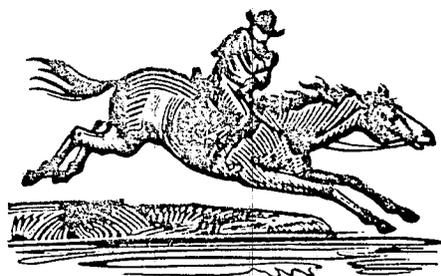
Mas o Pereira nem quisera que o tratassem... Sentindo que a morte chegara, enviara o Palhoça a pedir ao padre Miguel que lá fosse o ouvir em confissão...

A grota do Fangueiro! Duas léguas de mau caminho que com essa chuva e a cavalo levaria ao menos duas longas horas para trilhar!

Ele nunca chegaria de volta a tempo para a missa da meia-noite! Mas, o que fazer? Era preciso levar alento àquela pobre alma tão próxima de comparecer diante de seu Juiz...

A Santa Missa infelizmente iria se atrasar.

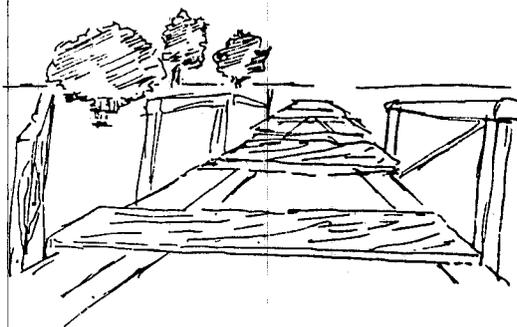
Talvez o povo se impacientasse, talvez alguns se fossem embora, talvez o sono desanimasse a outros, mas paciência...

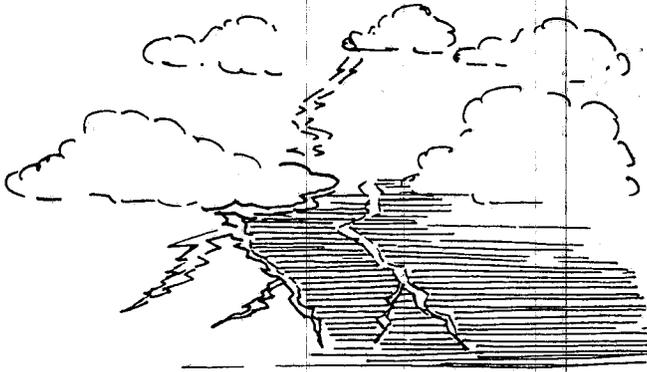


E deixando um rápido e fugidivo aviso com um sacristão ainda meio aparvalhado, padre Miguel montou em um cavalo e saiu pela chuva a galope, no silvar dos ventos e no negror da escuridão.

Logo à frente nos "Dois Caminhos", pensou que se fosse pela Ponte da Ribeira tomaria um atalho que economizaria um bom trecho do caminho. Mas a ponte velha e apodrecida era traiçoeira já de dia, quanto mais à noite, e noite de tempestade! Enfim, lá iria.

A vinte passos do barranco que a ponte vencia estava um de seus pequenos oratórios, o de São Jorge, e padre Miguel se deteve um instante para rogar a esse santo guerreiro a proteção que precisava.





Então, teve uma surpresa e um susto: quando um relâmpago iluminou o local, viu que no oratório não havia mais São Jorge!

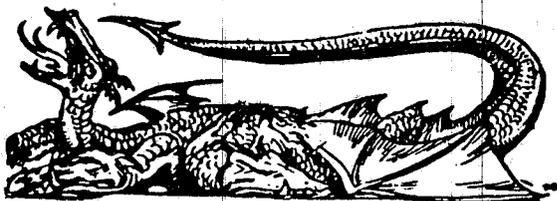
O Santo e seu cavalo haviam desaparecido!

Apenas a base lá estava, com o dragão nela enroscado...

E enquanto o padre Miguel cogitava o que houvera acontecido, outro fato, ainda mais estranho, aconteceu: os olhos do pequeno dragão de gesso se alumiaram, se acenderam!

E depois o dragão se mexeu, se torceu e voou, pequenino e maligno, para cima do padre Miguel e de seu cavalo, que se assustou e galopou em direção à ponte.

Lá, mais apavorado ainda, o cavalo relinchando e escoiceando, tropeçou e caiu no abismo, deixando o pobre padre Miguel agarrado ao parapeito, que cedia e balançava com o vento!



E o dragão, aquele sinistro e apavorante dragão a esvoaçar sobre sua cabeça!

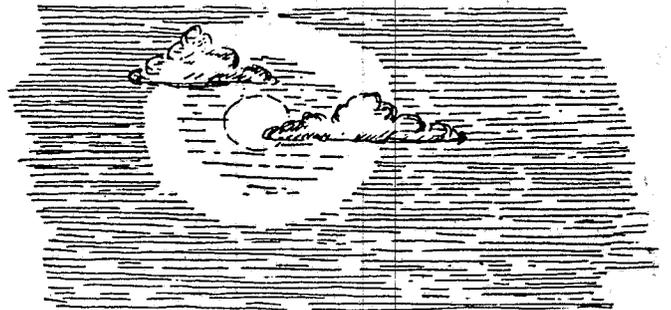
- São Miguel! Gritou o padre, e o dragão desapareceu.

Lentamente, padre Miguel subiu à ponte e a atravessou manquejando. Agora teria de prosseguir à pé...

E à pé ele foi, por aqueles silvados, aqueles ermos encharcados, aqueles barrancos pedregosos e musgientos.

E - maravilha estranha! Em cada oratório por que passava, via que as imagens - todas as suas pequenas imagens - haviam sumido, sem traço.

E assim, andando, correndo, tropeçando, cismando e rezando, o padre Miguel varava a noite de vento e de chuva, quando ouviu uma voz - mas voz pequenina, aguda e fraca - que vinha de entre os arbustos do chão, e que dizia: "Estou atrasado! Estou sempre atrasado!"



Naquele instante a chuva estiou, surgiu uma bela lua cheia e clara, e o padre Miguel, imensamente espantado viu entre os arbustos a imagem, a pequena imagem de São Tomé, que se movia, que corria, dizendo: "Estou atrasado!" Com uma coragem trazida pelo espanto, padre Miguel a interpelou:

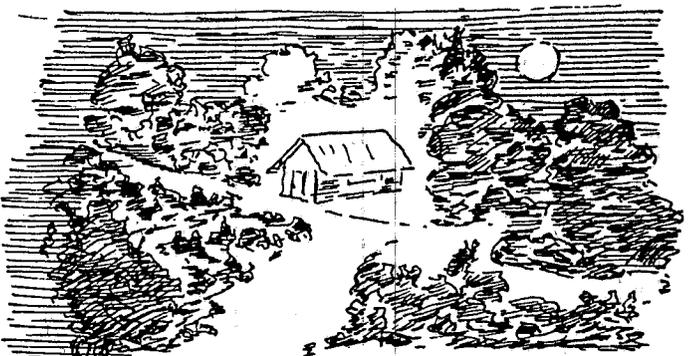
- "Onde o senhor vai? Onde estão as outras imagens?"

E o santo, pequenino e arquejando:

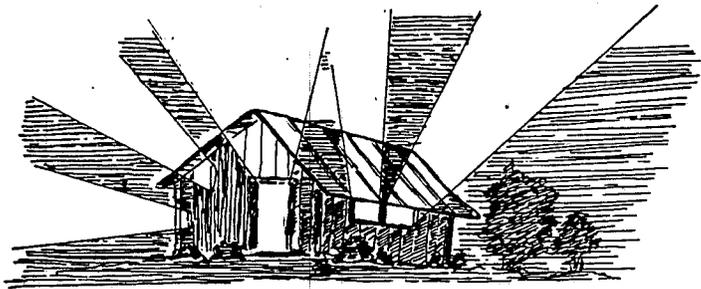
- Vou à casa do Pereira Carvoeiro! É lá que todos estão!

Sem procurar entender, padre Miguel retrucou: "Pois para lá vou eu também!" E tomando São Tomé nas mãos continuou sua caminhada, agora mais fácil, com o luar.

Finalmente estavam chegando!



Mas, aquela noite que fora cheia de maravilhas e surpresas, ainda reservava ao padre Miguel a maior de todas.



Vista assim, de longe, a pobre choupana do Pereira Carvoeiro parecia incendiar: de cada fresta das janelas, de cada rachadura das paredes, de cada buraco do telhado saíam feixes, jatos, raios de luz, de uma luz branca e firme, que iluminava a noite ao redor, e que atingia até mesmo as poucas nuvens que havia no céu!

“Meu Senhor, que estava acontecendo lá?”
E São Tomé, agarrado à gola de sua batina lhe dizia:

- “Não tema, padre Miguel. Entre, que o estão esperando...”

E padre Miguel entrou. E viu a maior maravilha que os olhos humanos poderiam ver.

^{eb} Era já meia noite.

Fora, as estrelas brilhavam.

E dentro da choupana, suspensos no ar, pequeninos, brilhantes e gloriosos, estavam os santos de seus oratórios!



Todos lá, com exceção apenas de São João Evangelista... E todos de mãos postas, em adoração, voltados para o pobríssimo catre do Pereira Carvoeiro.

E sobre o catre - ó maravilha! - não estava o Pereira Carvoeiro, mas um Menino, um lindo Menino mais brilhante que o sol, mas com uma feia ferida que lhe descia dos ombros até os pés!

E então, padre Miguel viu que ao lado do menino havia também uma Senhora, que lhe dizia:

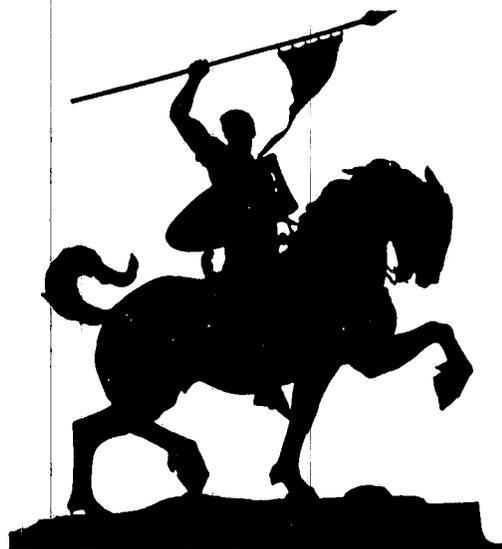
- “Padre Miguel, venha atender Meu Filho que sofre”.

E padre Miguel O atendeu. Fazendo em tiras a própria camisa, enfaixou as feridas do Menino, rezando e chorando por ter recebido tamanha graça em noite tão santa.

Depois, ajoelhou-se para rezar. E quando abriu os olhos, de sua oração já não havia mais as imagens, nem a Senhora, nem o Menino. Apenas, deitado no catre, o pobre Pereira Carvoeiro, muito bem enfaixado, que murmurava:

- “Padre Miguel, ouça-me agora em confissão...”

E depois de se confessar, docemente, quase sem sofrimento, a alma do Pereira Carvoeiro subiu para encontrar o Menino Jesus lá no céu...



Padre Miguel saiu do casebre, e fechava bem a porta quando ouviu o relincho de um cavalo bem atrás de si. Voltou-se vivamente e viu ali mesmo São Jorge, brilhante em seu cavalo branco, mas em sua estatura natural. E do alto, São Jorge lhe dizia:

- “Venha, padre Miguel, que sua missa já passa do sermão!”

E agarrado à armadura reluzente de São Jorge, padre Miguel atravessou os ares cavalgando, até chegar à ponte da ribeira e ao pequeno oratório, onde o dragão firmemente preso em sua base aguardava. E São Jorge, sorridente:

- “Aqui fico, padre Miguel. Vá para sua missa, que já chega à Consagração!”

Realmente, da ponte se ouviam os sinos da igreja que anunciavam o milagre de Transubstanciação.



Mal se despedindo de São Jorge que voltava a seu oratório, padre Miguel se pôs a correr. Quem estaria celebrando se ele era o único padre em toda a região?

Entrou apressado pela porta da sacristia e olhou ávido para o altar, a tempo de ver um padre moço, com um porte de rei e olhar mais puro que o diamante, dando ao povo, ajoelhado e contrito a bênção final...



E foi só quando o celebrante lia as sacrossantas palavras do Evangelho de São João que padre Miguel se deu conta de que o próprio São João Evangelista ali viera celebrar... E ainda estava a sorrir e se maravilhar, quando São João evanesceu e o povo entrava na sacristia a cumprimentar:



- "Linda missa, padre Miguel! A Comunhão foi maravilhosa! E que belo sermão, padre Miguel! E aquela frase: "Em verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos..."

- "... A Mim mesmo o fareis"... Completou sorrindo o padre Miguel...

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA
QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

A 10 de Março de 1615, em Glasgow, o ilustre missionário jesuíta São João de Ogilvie subia ao cadafalso. Ia expiar, com o suplício da forca, o "crime" de ter pregado o Evangelho, o "crime" de ser sacerdote católico.

Nessa hora suprema, em cima do estrado donde dominava vários milhares de espectadores, querendo deixar-lhes uma lembrança e, simultaneamente, um penhor daquela Fé pela qual se sentia feliz em morrer, pegou um único objeto que lhe restava, um terço, e arremessou-o com força para o meio da multidão.

Ora, aconteceu que o terço foi bater em cheio no peito de um rapaz húngaro, calvinista, João de Heckersdorff, que fazia viagens de estudo e recreio e, nesse dia, se encontrava casualmente em Glasgow. Ele ficou profundamente emocionado.

O Terço de São João Ogilvie



A lembrança daquele terço perseguiu-o em toda parte, até o dia em que abjurou a heresia protestante em Roma, aos pés do Santo Padre. Disse inúmeras vezes, até morrer, que atribuía ao terço sua conversão.

- ***O Rosário é a oração mais divina de todas as que tem o Cristianismo.***
São Carlos Borromeu
- ***O Rosário é a honra da Igreja.***
Papa Júlio III
- ***O Rosário é o açoite do demônio.***
Papa Adriano VI
- ***O Rosário é uma chuva constante de bênçãos sobre o povo cristão.***
Papa Urbano VI
- ***O Rosário é a homenagem mais agradável que se pode render à Mãe de Deus.***
Santo Afonso Maria de Ligório
- ***O Rosário é minha oração predileta.***
Papa João Paulo II

Uma Santa entre as criadas

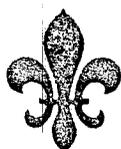
Santa Zita

Zita se fez santa na humilde condição de criada.

Nasceu no condado de Lucca em 1210, sendo seus pais Lombardo, pobre campônio e Boníssima, mulher com falta de bens, mas rica em virtudes.

Zita correspondeu à educação cristã que lhe deram os bons genitores. Bastava que lhe dissessem que uma ação desagradava a Deus, para que dela fugisse com horror. Na idade de 12 anos foi colocada a trabalhar na casa de um cidadão luquense de nome Fatinelli.

Entrando para aquele ofício, a pia virgem compreendeu logo que a perfeição e a santidade, para ela, consistiam no exato serviço dos patrões e pôs mãos à obra com santo ardor.



De manhã levantava-se com antecedência para dar-se à oração e ouvir a santa Missa na Igreja vizinha, e achava-se sempre pontual nas horas as quais eram exigidos os seus serviços.

Dotada de engenho precoce, previa de ordinário o que se lhe pudesse ordenar; e quem a visse sempre aplicada nos serviços domésticos, diria que ela não pensava em outra coisa, mas é sabido como lhe era familiar a presença de Deus e quantos atrativos experimentava na oração e na solidão.



Santa Zita

Uma vida tão humilde, tão mortificada, laboriosa e obediente deveria encontrar a aprovação dos patrões e dos outros criados.

Todavia, assim permitindo o Senhor para provar a sua esposa, a sua modéstia era julgada uma tolice, a diligência no prever as ordens e, um temor para não ser repreendida e um secreto orgulho de aparecer e sobressair.

A patroa não se contentava com o que ela fazia e as informações caluniosas dos criados serviam não pouco a fomentar a antipatia.

Desaprovava-se o seu silêncio e recolhimento, gracejavam com a sua devoção e pontualidade, censurava-se a sua vida penitente.

Desprezada, injuriada, maltratada com tanta injustiça, Zita jamais mudava o seu modo de viver; e estava sempre tranqüila, sempre doce, sempre calma e nunca pronunciava palavra de lamento. Antes, pagava o bem pelo mal, à guisa do cordeiro que lambe afetuosamente a mão de quem rouba a lã ou da árvore de bálsamo, que perfuma o machado que inexoravelmente a fere.



Uma virtude tão provada e tão perseverante triunfou das invejas e das antipatias; e os patrões enfim descobriram o tesouro que possuíam e juntamente com os criados fizeram jus ao seu mérito.

Tal mudança de afeto e tratamento afligiu profundamente o espírito de Zita, ávido de humilhação; como o amor aos padecimentos e aos desprezos a faziam exultar, assim também a confiança que nela foi posta e a estima que lhe era demonstrada, descontentavam-na, de modo que a patroa para alegrá-la fingia-se, às vezes, irritada ralhando-lhe mesmo pelos serviços bem feitos.

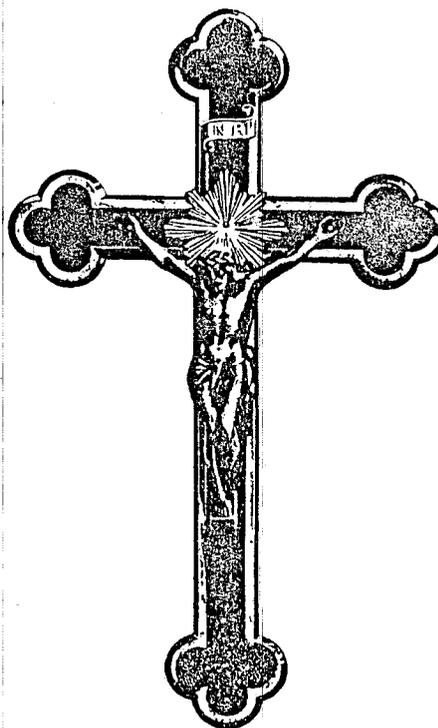
Era encarregada do serviço da casa e se aplicou a ele com toda solicitude, como se se tratasse de afazeres da própria família.



Inimiga do ócio não perdia um minuto de tempo; e no período de 50 anos que serviu naquela casa, foi sempre vista com algum trabalho nas mãos.

Dizia: “As principais qualidades de uma criada são o temor de Deus, a fidelidade, a humildade e o amor ao sofrimento. Não há criada devota que não seja laboriosa. Uma devoção preguiçosa nas pessoas do nosso estado é uma devoção falsa.”

Uma piedade assim sólida e verdadeira era acompanhada de outras virtudes.



Concebera desde os primeiros anos um amor extraordinário à pureza e não se pode exprimir até a que ponto de delicadeza praticava esta virtude.

Nunca olhou no rosto de homem e procurou sempre mortificar o seu corpo com abstinências, tomando alimentos grosseiros.

Um dia, ouvindo por acaso uma palavra não muito decente de um criado, concebeu tanto horror que quase desfaleceu; e sairia logo daquela casa se o libertino não fosse antes expulso.



Para guardar uma gema tão preciosa, pôs um freio à sua carne com os rigores das mais austeras penitências. Jejuava rigorosamente todo o ano e quase todo o dia a pão e água; andava descalça.

Mesmo no inverno; dormia no chão e às vezes, para o regalo, sobre tábuas; levava uma corda tão estreitamente cingida aos rins, que depois da morte observou-se que tinha entrado dois dedos na carne.

A humildade correspondia às outras suas virtudes e estava tão compenetrada de um baixo conceito de si mesma, que se maravilhava de como não fosse desprezada e odiada por todos e como Deus a pudesse suportar na terra.

O único prazer que se lhe podia dar era desprezá-la e ter dela um baixo conceito, como de uma coisa vil e abjeta.

Respeitava a todos os outros criados e os amava como se fossem seus patrões. Obedecia sempre sem opor dificuldades e algumas pessoas, amigas da dona da casa, tinham o cruel prazer de mandá-la a meia légua fora da cidade, em tempo de chuva ou de tempestade, com algum recado; e Zita partia imediatamente, com alegria, cumpria a ordem e voltava, toda molhada, sem se queixar.

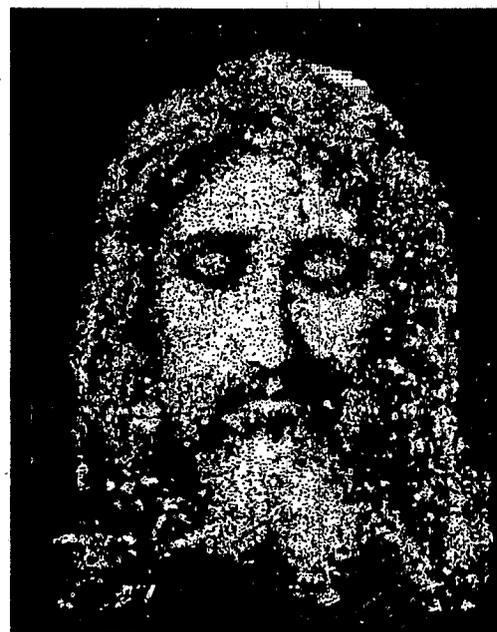
Mas enquanto executava o serviço, a sua mente estava sempre no Céu e o seu coração não palpitava senão pelo Divino Esposo. Parecia a Tobias com amor e atenção, contemplava a Deus e o amava com transportes seráficos de caridade.

De noite, retirava-se na sua pobre cela, colocada no lugar mais remoto da casa; e lá, no silêncio, passava muitas horas numa altíssima contemplação, que muitas vezes só era interrompida pela luz do dia nascente. Entre tantas virtudes, refulgiu principalmente a sua caridade para com os pobres.

Depois de obtida do patrão a permissão de auxiliar os infelizes, não havia misero ao qual prontamente não socorresse, concorrendo Deus com evidentes milagres.

Numa grande carestia que afligiu a cidade, esvaziou o celeiro da casa para dar de comer aos famintos.

Disso teve conhecimento o patrão, que a reprovou de tanta prodigalidade; mas a santa, cheia de confiança na Providência, pediu-lhe com humilde submissão que visitasse o celeiro. Ele foi e com grande pasmo o encontrou cheio de trigo escolhido, colocado sem dúvida pelo Senhor.

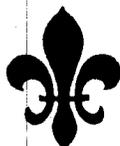


Um pobre forasteiro ardendo em sede pediu-lhe um pouco de vinho, pelo amor de Deus. Zita naquele momento não tinha; mas invocou o nome do Senhor e correu ao poço para haurir água. Ao apresentá-la àquele infeliz trocou-se em excelente vinho; o poço chama-se, ainda hoje: "Poço de Santa Zita", em memória do milagre.



Em uma noite de Natal, sendo rigidíssimo o frio, o patrão emprestou-lhe um manto para ir assistir a função solene, advertindo-o de lhe restituir porque bem sabia que dava tudo aos pobres, ficando só com um vestido para si.

Ora, aconteceu que ela encontrou-se com um pobre seminu, todo enregelado pelo frio, na porta da Igreja; e movida à compaixão, sem pensar na ordem do patrão, jogou-lhe nos ombros o manto.



Voltando para casa foi repreendida por aquela esmola; mas ela respondeu que o pobre a restituiria de boa vontade.

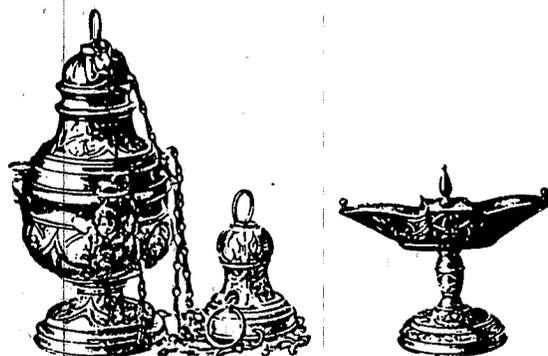
Com efeito, na manhã seguinte, viu-se comparecer aquele pedinte e entregar o manto; depois do que, desapareceu e nunca mais foi visto.

Repreendida às vezes pelas esmolas, respondia: - "Como? Jesus Cristo pede-me a esmola na pessoa dos pobres, e ousarei eu nega-la?"

Era por Deus favorecida com êxtases, com o dom das lágrimas e com outros muitos carismas sobrenaturais, que dão luz e esplendor à santidade.

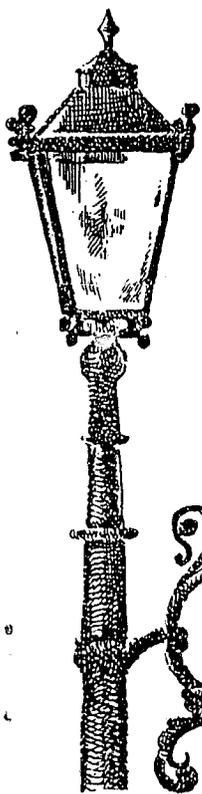
Em 1272 foi por Jesus Cristo chamada às núpcias eternas do Céu, na idade de 62 anos. Sobre a casa em que expirou suavemente no ósculo do Senhor, apareceu uma luz misteriosa e ouviram-se os meninos a gritar pela cidade: "Morreu Santa Zita".

Os funerais se mudaram em magnífico triunfo que lhe prestou toda a cidade. Os numerosos milagres que Deus operou em seu sepulcro, fizeram-na em breve ser inscrita entre os santos.



A santa criada de Lucca mostra claramente que também no meio do mundo, nos ofícios mais humildes, pode-se ser santo, com o exato cumprimento dos deveres impostos pela própria condição.

A graça é a mesma para os pobres, como para os ricos, para os monarcas e para os súditos, para os religiosos e seculares, e só espera a nossa cooperação para fazer-nos santos. Ouçamos pois os seus doces impulsos e chagaremos à perfeição.



“Mas que é o amor, senão exagero!”

(São Pedro Julião Eymard)



Nosso Senhor quer estabelecer em nós um amor apaixonado por Ele.

Toda virtude, todo pensamento que não se termina em uma paixão, que não acaba por tornar-se uma paixão, nada de grande produzirá jamais (...)

O amor só triunfa quando é em nós uma paixão vital. Sem isso, podem produzir-se atos isolados de amor, mais ou menos freqüentes; a vida não é tomada, não é dada.

Ora, enquanto não tivermos por Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento um amor apaixonado nada teremos feito.

Nosso Senhor, decerto, nesse Sacramento, ama-nos com paixão, ama-nos cegamente, sem pensar em Si, devotando-Se inteiramente por nós: é preciso corresponder-Lhe.

Nosso amor, para ser uma paixão, deve sofrer as leis das paixões humanas. Falo das paixões honestas, naturalmente boas; pois as paixões são indiferentes em si mesmas; nós as tornamos más quando as dirigimos para o mal. Mas só de nós depende utilizá-las para o bem.

Ora, a paixão que domina um homem, concentra-o.

Tal homem quer chegar a uma determinada posição honrosa e elevada. Só para isso trabalhará: dez, vinte anos, não importa. Chegarei, diz ele; faz unidade: tudo se acha reduzido a servir esse pensamento, esse desejo, deixa de lado tudo quanto não o conduzisse a seu objetivo.

Eis como se chega no mundo ao que se deseja; essas paixões podem tornar-se más, e aí! Muitas vezes não são mais que um crime contínuo; mas enfim podem ser e são ainda honoríficas.

Sem uma paixão, nada se alcança: a vida inútil.

Pois bem, na ordem da salvação, é preciso ter também uma paixão que nos domine a vida e a faça produzir, para a glória de Deus, todos os frutos que o Senhor espera.

Amai tal virtude, tal verdade, tal mistério apaixonadamente. Devotai-lhe a vossa vida, consagrai-lhe os vossos pensamentos e trabalhos; sem isso, nada alcançareis jamais, sereis apenas um assalariado, jamais um herói!

Tende um amor apaixonado pela Eucaristia. Amai Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento com todo o ardor com que se ama no mundo, mas por motivos sobrenaturais (...)

Considerai os santos; seu amor os transporta, abrasa, faz sofrer; é um fogo que os consome, despente as suas forças e acaba por lhes causar a morte.

Morte feliz!

Mas, se não chegamos todos a esse ponto, ao menos podemos amar apaixonadamente a Nosso Senhor, deixar que nos domine o seu amor.

Há pessoas que amam até à loucura os pais, os amigos, e não sabem amar o bom Deus! Mas o que se faz com a criatura, é o que se deve fazer com Deus: somente, ao bom Deus, é preciso amá-Lo sem medida, e cada vez mais. (...)

Ah! no Juízo, não serão tanto os nossos pecados que nos aterrorizarão e nos serão censurados; estão irrevogavelmente perdoados. Mas Nosso Senhor nos censurará por seu amor!

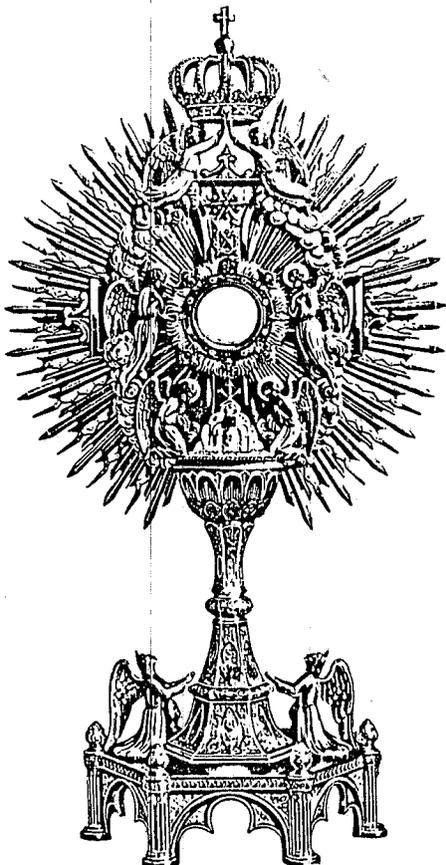
Vós me amastes menos que às criaturas! Vós não fizestes a Mim a felicidade de vossa vida! Vós me amastes bastante para não me ofender mortalmente; mas não viver de Mim!

Mas poderíamos dizer: Somos então obrigados a amar assim?

Bem sei que o preceito de amar assim não se acha escrito; não há necessidade! Nada o diz, tudo o clama: a lei está em nosso coração.

Sim, o que me aterroriza, é que os cristãos pensarão de boa vontade e seriamente todos os mistérios, devotar-se-ão ao culto de algum Santo; e a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, não! (...)

A Eucaristia é a mais nobre aspiração de nosso coração: amêmo-La pois apaixonadamente.



Dizem: mas é exagero tudo isso.

Mas que é o amor, senão exagero? Exagerar é ultrapassar a lei; pois bem, o amor deve exagerar!

O amor que nos testemunha Nosso Senhor permanecendo conosco sem honras, sem servidores, não é também exagerado?

Quem se limita ao que é absolutamente de seu dever, não ama. - Só se ama quando se sente interiormente a paixão do amor.

E tereis a paixão da Eucaristia quando Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento for o vosso pensamento habitual; a vossa felicidade, a de achar-se a seus pés; e vosso constante desejo, o de Lhe causar prazer.

Vamos! Entremos em Nosso Senhor! Amêmo-Lo um pouco por Ele; saibamos esquecer-nos e dar-nos a esse bom Salvador! Imolemo-nos um pouco! Considerai estes círios, esta lâmpada, que se consomem sem deixar vestígios, sem nada reservar". (São Pedro Julião Eymard, O Santíssimo Sacramento, Coleção "Os grandes Autores Espirituais", n.º 24, Edições Paulinas, São Paulo, 1956, pp.27 a 32/ Pode imprimir-se: Mons. Caruso, Pró-Vigário Geral, Rio, 08-07-1953).